

O uso da pichação e do grafite como expressão de arte e cultura nos centros urbanos

No que diz respeito a culturas e imagens, a pichação e o graffiti são formas de manifestar uma opinião através do uso de diferentes linguagens das artes. Apesar de não ser considerada uma forma de arte pela elite artística e também pela maior parte da sociedade, pela sua marginalização, preconceito e falta de informação, essas formas de expressão não podem ser descartadas. A revista de Ciências Sociais, Fortaleza, v.46, n. 1, Jan/Jun, 2015, p. 119-141, possui uma publicação chamada "Etnografia de uma cidade redesenhada pela pichação/graffiti", com o foco na cidade de Santa Maria/RS. Entretanto, o destaque aqui é propor um diálogo interdisciplinar da história e da geografia, o lugar social do indivíduo e o uso atribuído ao espaço.

Consideramos, como diz Alves que:

"[...]têm momentos de atuação e criação visíveis e momentos de desaparecimento, pelo menos para nossos 'olhos' acostumados ao que é considerado 'desenvolvimento' e 'progresso linear', nos modos de pensar hegemônico. Para estes, só podemos considerar que há o movimento crescente, sempre para frente – afinal 'aprendemosensinamos' que é assim que o "progresso" funciona. No entanto, a compreensão atual, dos movimentos, nos cotidianos, permite perceber que nunca é assim."

Pensar na questão de "olhos acostumados" e de "pensamentos hegemônicos", ao citar as questões etnográficas que abordam a

pichação e o grafite nas cidades brasileiras e também ao redor do mundo, para refletir profundamente no significado de um desenho ou nas mensagens remetidas ao tema é fundamental. O pichador e o grafiteiro são autores-escritores do espaço urbano, ao utilizarem de espetáculo de imagens para a exposição ou reflexão das circunstâncias sociais envolvidas em suas expressões.

Para a compreensão da diferença entre pichação e grafite, analisamos Lopes:

“A pichação em si era amplamente utilizada na época das ditaduras e em confrontos sociais, normalmente mostrando a insatisfação com a sociedade da época. Mas, apesar de possuir o mesmo objetivo do grafite, a pichação é mais agressiva e menos artística. Normalmente faz uso de tinta spray o que facilita a sua aplicação e fuga dos infratores. Apesar de o grafite ser uma forma de pichação, ela é vista apenas como uma contravenção legal pela justiça, uma vez que ela possui caráter artístico e expressivo, porém, a pichação é considerada crime ambiental e vandalismo desde 1998 sendo punível com reclusão e multa.”

Não se pode desconsiderar que a pichação é um grito silenciado esculpido nas paredes, rústico e por vezes, monocromático. Enquanto o grafite é esteticamente rodeado por cores e adequado a um padrão de beleza pré-estabelecido, ou seja, ele é socialmente tolerável. Ambos podem ser considerados como meios para manifestações de cunho social, político e cultural, mas é preciso esclarecer a diferença entre eles. Inclusive, o de ressaltar o código de comunicação próprio dentro desses respectivos grupos e forma de tratamento entre eles, incompreensível aos olhos de quem está de fora.

Na atualidade, o grafite conta com o apoio por parte de entidades nacionais, internacionais e mesmo de setores do governo. Alguns exemplos estão nas notícias que aparecem nos jornais virtuais e, até mesmo, nos impressos. Por exemplo, a utilização do grafite em projetos sociais como o Museu de Favela, no Rio de Janeiro. Nas

grandes metrópoles encontram-se pinturas de grafiteiros sendo apoiados e financiados por grandes empresas. Enquanto a pichação ainda sofre com a marginalização e o descrédito da sociedade, a restrição nas áreas pobres, o seu espaço de origem, mesmo disseminada pela madrugada até nas áreas nobres e comerciais das cidades e também, as sanções penais que a que está sujeito o(a) pichador(a) – e até mesmo o grafiteiro, se não houver alvará para que o mesmo exerça o seu ofício. Estas são algumas das questões que procuramos problematizar neste artigo e que precisam ser incorporadas ao currículo escolar.



BORGES, Newlands Zumira. GARRABÉ, Laure. DANTAS, Romanus Nathan Rodrigo. *Etnografia de uma cidade redesenhada pela pichação/graffiti*. Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, v. 46, n. 1, jan/jun, 2015, p. 119-141.

LOPES, Vieira Gonçalves Joana. *Grafite e Pichação: os dois lados que atuam no meio urbano*. Brasília, DF, Junho, 1º, 2011.